

# PIERRE DEFFONTAINES E AS MISSÕES UNIVERSITÁRIAS FRANCESAS NO BRASIL: GEOPOLÍTICA DO CONHECIMENTO, CIRCULAÇÃO DOS SABERES E ENSINO DA GEOGRAFIA (1934-1938)<sup>1</sup>

PIERRE DEFFONTAINES ET LES MISSIONS UNIVERSITAIRES FRANÇAISES  
AU BRÉSIL : GEOPOLITIQUE DE LA CONNAISSANCE, CIRCULATION  
DES SAVOIRS ET ENSEIGNEMENT DE LA GEOGRAPHIE (1934-1938)

PIERRE DEFFONTAINES AND THE FRENCH UNIVERSITY  
MISSIONS IN BRAZIL: GEOPOLITICS OF KNOWLEDGE, SCIENCE'S  
CIRCULATION AND GEOGRAPHICAL TEACHING (1934-1938)

Federico Ferreti – University College of Dublin – Dublin – Irlanda  
federico.ferretti@ucd.ie

## Resumo

Esse artigo trata do papel da geografia nas missões universitárias francesas no Brasil nos anos 30, consideradas fundamentais para o desenvolvimento das universidades locais, enfocando especialmente o trabalho do geógrafo Pierre Deffontaines. Cruzando fontes primárias francesas e brasileiras, e comparando os trabalhos existentes sobre esses assuntos produzidos na França e no Brasil por historiadores e por geógrafos, investigamos as redes intelectuais daquela época e sobre os assuntos culturais, políticos e didáticos desse exemplo de circulação internacional do saber. Avaliamos a eficácia, na universidade e na sociedade brasileira, da troca cultural em proveniência da Europa, mas também o enriquecimento da geografia e das ciências humanas a partir das missões universitárias.

Palavras-chave: Pierre Deffontaines, Caio Prado Junior, Pierre Monbeig, Associação dos Geógrafos Brasileiros, USP, Circulação do saber, Ensino da Geografia.

## Résumé

Cet article analyse le rôle joué par la géographie à l'intérieur des missions universitaires françaises au Brésil des années 1930, considérées fondamentales pour le développement du système éducatif dans ce pays, en se focalisant sur le travail du géographe Pierre Deffontaines. En croisant des sources primaires françaises et brésiliennes et en comparant les travaux existants produits en France et au Brésil, à la fois par des géographes et des historiens, nous interrogeons les documents sur les réseaux intellectuels mis alors en place et sur les enjeux politiques, culturels et didactiques de cet exemple de circulation internationale des savoirs. Il s'agit finalement d'évaluer l'efficacité du transfert culturel en provenance de l'Europe dans l'université et la société brésilienne, ainsi que l'enrichissement qui a pu en résulter pour la géographie et les sciences humaines en France.

Mots clés: Pierre Deffontaines, Caio Prado Junior, Pierre Monbeig, Association des Géographes Brésiliens, USP, Circulation des savoirs, Enseignement de la Géographie.

---

<sup>1</sup> Esse artigo é uma tradução, adaptada para o público brasileiro, de Federico Ferreti (FERRETTI, 2014), « Pierre Deffontaines et les missions universitaires françaises au Brésil : enjeux politiques et pédagogiques d'une société savante outremer (1934-1938) », *Cybergeo : European Journal of Geography* [En ligne], Epistémologie, Histoire de la Géographie, Didactique, n° 703, mis en ligne le 24 décembre 2014. URL: <http://cybergeo.revues.org/26645> ; DOI : 10.4000/cybergeo.26645. Agradeço meus amigos e colegas Breno Viotto Pedrosa (UNILA) e Guilherme Ribeiro (UFRRJ) pela ajuda na consulta das fontes e na tradução do texto para o português.

## Abstract

This article addresses the role played by Geography within the French university missions in Brazil in the 1930s, considered as fundamental ones for the development of local universities, specially focusing on the work of the geographer Pierre Deffontaines. Crossing French and Brazilian primary sources, and comparing the existing works produced in France and Brazil by historians and geographers, I interrogate the documents of the scientific network at that time and the political, cultural and didactic issues of this example of international circulation of knowledge. My aim is to evaluate the effectiveness of cultural transfer coming from Europe, in Brazilian University and society, as well as the enrichment of Geography, and Human Sciences from the Universities missions.

Keywords: Pierre Deffontaines, Caio Prado Junior, Pierre Monbeig, Association of Brazilian Geographers, USP, Circulation of knowledge, Teaching of Geography.

## Introdução

Na construção da disciplina geográfica, as trocas culturais franco-brasileiras experimentaram momentos intensos, particularmente na época das missões francesas que acompanharam a fundação da USP (Universidade de São Paulo), em 1934, e da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 1936. Os geógrafos tiveram papel central nessas instituições. No entanto, ainda faltam trabalhos sistemáticos que cruzem as fontes francesas e as fontes brasileiras para reconstruir as redes científicas e os contextos da circulação dos saberes daquela época. Entre os trabalhos de referência podemos citar, do lado francês, a obra sobre Pierre Monbeig organizada por Hervé Théry e Martine Droulers (Droulers e Théry, 1991) e os trabalhos sucessivos de Droulers (2008) sobre a formação intelectual de Monbeig. Théry também pesquisou sobre as práticas do campo de Pierre Monbeig, em colaboração com outros membros da missão, como Claude Lévi-Strauss (Théry, 2008). Os artigos biográficos e bibliográficos de Delfosse (1998 e 2000) sobre Pierre Deffontaines e os artigos de Huerta (2011 e 2013) sobre Deffontaines e o Brasil também são trabalhos de referência. Alguns historiadores franceses se ocuparam de aspectos dessas missões sob o ângulo da história diplomática (Lefèvre, 1993; Petitjean, 1996; Suppo, 2002) sem, no entanto, um enfoque específico sobre os trabalhos dos geógrafos. Até o presente momento, é principalmente do lado do México (graças a personagens como Marcel e Claude Bataillon), que se produziram obras de caráter histórico e reflexivo sobre as redes científicas dos pesquisadores franceses na América latina durante o século XX (Bataillon, 2008; Hébrard, 2005; Huerta, 1995).

A literatura brasileira, com muitas contribuições francesas, é mais rica nesse sentido. Podemos citar os estudos sobre Monbeig dirigidos por

Heliana Angotti Salgueiro e outros (Angotti Salgueiro, 2002, 2006; Custódio et al., 2009) e os trabalhos dos historiadores sobre a AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros (Heidemann et al., 2008). Fundador da AGB, em 1934, e da primeira cadeira de geografia na USP, Pierre Deffontaines (1894-1978) foi substituído no ano de 1935 por Pierre Monbeig (1907-1987) que, até aquele momento, era o representante mais célebre da geografia francesa no Brasil, assim como Vidal de la Blache, que continuava a interessar os pesquisadores brasileiros (Haesbaert et al., 2012).

De todo modo, Deffontaines voltará ao Brasil para trabalhar na missão francesa no Rio de Janeiro, onde lecionará de 1936 a 1938. Os arquivos diplomáticos de Paris contêm muitos documentos ainda inéditos sobre seu trabalho no Brasil, enquanto suas correspondências conservadas no IEB (Instituto de Estudos Brasileiros) foram recentemente publicadas por Heidemann et al. (2008). É por estas razões que escolhemos Deffontaines, figura complexa e pouco conhecida, para dar uma primeira contribuição a um trabalho de reconstrução dos rumos políticos e científicos da circulação dos saberes, partindo das fontes primárias francesas e brasileiras.

Guardamos como referência teórica a literatura dos historiadores que consideraram a *Histoire croisée* como uma maneira de ir além do estudo das “escolas nacionais”, para focar a circulação dos saberes (Espagne, 1999; Werner e Zimmermann, 2004). Quais foram os papéis e a importância de Deffontaines como vetor de um método geográfico e como inspirador de um olhar sobre o Brasil aportado pelos próprios brasileiros? Qual foi a inserção da missão francesa no contexto político e social do Brasil daquela época e qual a influência desse contexto? Tentaremos responder essas questões reconstruindo, por meio dos arquivos, o contexto cultural e histórico dessas missões. Consideraremos os relatórios inéditos de Deffontaines sobre seu ensino no Brasil para saber qual noção relativa ao ensino de geografia estava na base da missão. Além disso, sublinharemos suas investidas ligadas à “geopolítica do saber” em outros países da América do Sul e, destacadamente, seu papel na fundação da AGB, a fim de entendermos melhor os desafios científicos e sociais desta associação.<sup>1</sup>

### As missões em São Paulo e no Rio de Janeiro: contexto político e cultural

Do ponto de vista institucional, o interesse dos geógrafos franceses pelo Brasil é bem antigo, remontando, pelo menos, ao começo da Terceira

República, quando Émile Levasseur (1828-1911) dedica ao Brasil uma obra ilustrada para a Exposição universal de 1889 (Levasseur, 1889). Na ocasião manteve, inclusive, correspondência com os barões Rio Branco e Ramiz Galvão. Considerando seus arquivos, Levasseur recebe Ramiz em 1873 em Paris, convidando o brasileiro a “falar das questões de ciência das quais os dois se ocupam” (Rio de Janeiro, 1873).

Todavia, o primeiro geógrafo francês célebre que visita o Brasil em 1893 e cujas obras são traduzidas para o português é Élisée Reclus (1830-1905). Opositor da escravidão e do Império, Reclus foi recebido de maneira triunfal na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, no Instituto Brasileiro de Geografia e História e na Academia Brasileira de Letras (Cardoso, 2013; Miyahiro, 2011). O capítulo sobre o Brasil de sua *Nouvelle Géographie universelle* foi traduzido por Rio Branco e Ramiz Galvão. Isso se explica também pelo fato de que Reclus não é percebido no Brasil como um geógrafo colonialista, e sua sincera admiração da sociedade brasileira como laboratório da miscigenação que, conforme ele, deveria acabar com o racismo, impressiona positivamente, a ponto de a diplomacia brasileira utilizar sua geografia e sua assessoria para as controvérsias fronteiriças com Argentina, França e Grã-Bretanha (Ferretti, 2013; 2014).

Nos anos seguintes, outro geógrafo francês, Pierre Denis, viaja pela América latina para fazer uma tese sobre a Argentina. O referido geógrafo também escreve uma monografia sobre o Brasil que, por muito tempo, será a referência francófona sobre o país. Porém, suas novas ocupações na Sociedade das Nações e, posteriormente, na França Livre de De Gaulle, acabarão com sua carreira acadêmica (Claval, 2012; Oulmont, 2012; Velut, 2009). À época das missões de 1934, o principal centro da atividade francesa no Brasil é São Paulo, onde a burguesia progressista do “grupo da Avenida São João”, animado por Júlio Mesquita Filho, defende a presença estrangeira na nova universidade. O médico Georges Dumas, já residente na capital paulista, começa então, segundo Lefèvre (1993):

Uma ação intensa e eficaz para fazer com que as cadeiras mais prestigiosas, as de ciências humanas e sociais, sejam atribuídas a professores franceses. Por isso, ele acompanha em Roma seu amigo Teodoro Augusto Ramos, encarregado de recrutar na Europa os professores da nova universidade, e consegue impor seis franceses sobre os quinze professores apontados, ao lado de um espanhol e de um português; quatro italianos e três alemães partilham principalmente as cadeiras de ciências naturais” (Lefèvre, 1993, p. 25).

Um assunto central identificado nas correspondências dos franceses é a tentativa de contrastar a influência dos professores italianos e alemães. Uma verdadeira geopolítica do saber desenvolve-se na missão. O historiador Lefèvre fala assim de Deffontaines, que chega a São Paulo em maio de 1934:

Além de suas próprias publicações nas revistas brasileiras, ele já pensa na fonte considerável que o Brasil constitui para o público francês. O geógrafo descobre o Brasil e o faz descobrir tanto aos brasileiros quanto aos franceses. Porém, ele não descuida de sua missão docente e nem da direção do departamento de geografia: no fim de 1934 ele já orientara onze dissertações ou pequenas teses de geografia local, além dos cursos e das conferências públicas (Lefèvre, 1993, p. 26).

No ano seguinte, a volta de Deffontaines à França obriga Dumas e o diretor do *Service des Œuvres Françaises à l'Étranger* (SOFE), Jean Marx, a recrutar novos professores. Por falta de pessoal com experiência, ele precisou valorizar a fonte dos jovens professores de liceu. As escolhas foram boas, se considerarmos que foram nomeados Fernand Braudel, Claude Lévi-Strausse Pierre Monbeig (todos ainda desconhecidos), além do filósofo Jean Magüe e do professor de literatura Pierre Hourcade. Na sua tese sobre as políticas culturais francesas no Brasil, Hugo Rogélio Suppo considera esses primeiros professores como os “professores-embaixadores” da França. Suppo (2002) afirma que

os professores universitários enviados desde 1934 no Brasil têm como tarefas principais atividades extra-universitárias. Eles estão envolvidos em um contexto de guerra de influência. Sobre os professores franceses destacados nos Estados Unidos, o SOFE refere-se a ‘uma milícia pronta a servir, porém insuficientemente utilizada’(Suppo, 2002, p. 144-145).

Deffontaines só volta no Brasil em 1936, desta vez para participar da outra missão francesa na Universidade Federal do Rio, enquanto sua cadeira na USP é ocupada desde 1935, por Pierre Monbeig. Esta situação parece incomodar o “chefe de missão”, o sociólogo Pierre Arbousse-Bastide, que não parece simpatizar muito com os geógrafos. Em seu relatório ao final do ano de 1935, em uma nota intitulada “Caso Deffontaines”, Arbousse-Bastide acusa o geógrafo de ter colocado a missão em situação difícil perante os brasileiros. Aludindo à sua incapacidade de construir uma situação estável, Arbousse-Bastide chama Deffontaines de “iniciador”.

O ano passado Deffontaines, no momento de deixar São Paulo, onde teve nítido sucesso, afirmou não querer voltar em 1935, mas em 1936. Seus amigos paulistas contavam muito com ele e, quando os jornais anunciaram sua nomeação no Rio, aqueles ficaram céuticos ou decepcionados. Por outro lado, se Deffontaines voltasse a São Paulo a situação seria delicada, porque ele voltaria não para começar, mas para continuar: logo, Deffontaines é, sobretudo, um iniciador. Porém, sobretudo, ele encontraria Monbeig, também professor de geografia humana (...) Tivemos muitos problemas no último ano para não torcer para que 1936 seja o mais tranquilo possível. Finalmente, pergunto-me se não seria melhor (tendo como único objetivo a eficácia da missão) que Deffontaines ficasse no Rio e viesse dar algumas palestras em São Paulo. O compartilhamento é impossível, São Paulo não aceitaria, mas visitas bastante frequentes seriam bem-vindas — não obstante a decepção dos amigos de Deffontaines. Perante a complexidade da situação, eu não quis aconselhar nada a Deffontaines (...), que deve assumir toda a responsabilidade de sua decisão, qualquer que ela seja. (Paris, 1935).

Em todo caso, no Rio de Janeiro a qualidade da produção científica não era menor, pois ao lado de Deffontaines trabalhavam professores como o historiador Henri Hauser (1866-1946). Porém, o ambiente mais conservador da capital impõe problemas nas relações entre as instituições e a universidade e entre a universidade e os professores estrangeiros. Deffontaines deplora também o fato de que a nova faculdade parece mais interessada em investir nas ciências físicas e naturais que na geografia humana (Lefèvre, 1993, p. 31).

Em São Paulo, de acordo com os documentos conservados nos arquivos diplomáticos, a chegada da segunda leva de professores em 1935 determina novos conflitos com Arbousse-Bastide, que fica muito incomodado com o comportamento de Fernand Braudel. O conflito entre os dois começa no mesmo dia do desembarque do historiador do navio *Massilia* (3 de abril). Em nota confidencial enviada para Jean Marx, em julho de 1935, Arbousse escreve que Braudel:

declarou-se em desacordo com tudo o que havia sido feito. Ele contestou a legitimidade de minhas funções coletivas afirmando que Dumas havia lhe dito nada e que se ele soubesse da existência, entre seus futuros colegas, de alguém parecido com um ‘chefe de missão’ ele não teria vindo. (...) Ele questionou os salários (...) afirmando ter 42 anos (ele tem 32), ser do quadro de Paris e ser mais antigo no serviço que eu. Ele não admitia que houvesse pouca diferença salarial entre ele e os colegas mais jovens. (Paris, 20 de fevereiro de 1937)

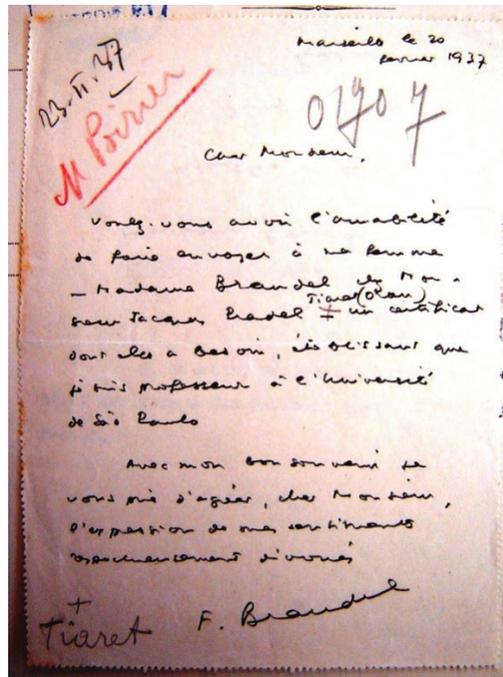


Figura 1 - Carta de F. Braudel a J. Poirier, 20 Fevereiro 1937, anunciando sua partida de Marselha

Fonte: Paris, 20 de fevereiro de 1937.

Nos arquivos, além da massa de correspondências referentes às reivindicações econômicas dos professores (detalhe: Braudel consegue obter soldo superior ao de Arbousse-Bastide, não sem, por conseguinte, melindrá-lo), identificamos tensões no interior da missão francesa que se explicam, de um lado, pelo contraste entre fortes personalidades e, do outro lado, pelas turbulências políticas atravessadas simultaneamente pela França e pelo Brasil e que não poderiam passar sem repercussões — não obstante todas as recomendações oficiais para manter uma “neutralidade”. Um exemplo ilustra essa situação. Os projetos de trabalho de campo do jovem Lévi-Strauss (ele chegou com Braudel a São Paulo) pelo interior do Brasil encontram obstáculos junto às autoridades acadêmicas e criam novos conflitos com Arbousse-Bastide. Referindo-se à experiência do *Front Populaire*, este último escreve que Lévi-Strauss “pensa poder fazer tudo

o que quiser, como consequência da chegada ao poder de seus amigos de esquerda na França (Paris,1936).

Arbousse-Bastide que, de acordo com Suppo, deveria ser ele também “de esquerda” (Suppo, 2002, p. 145), propõe, no entanto, uma política abertamente colaboracionista perante o golpe de estado de Getúlio Vargas de 1937, enquanto outros colegas (como Monbeig) consideravam a hipótese de sair do país, perspectiva criticada por Arbousse-Bastide:

Por causa da partida antecipada de Monbeig tivemos aqui muitas protestos da parte do próprio diretor da Faculdade. Ele ainda acrescenta: “meus novos amigos brasileiros serão muito úteis nas relações com o novo governo, no curso das discussões sobre as missões universitárias estrangeiras que, sem dúvida, acontecerão.”(Paris,6 de junho de 1936)

Isso não impede que Arbousse-Bastide seja controlado pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), a polícia política brasileira atuante de 1924 a 1983. Em 1942, o DOPS abre um dossiê sobre ele, destacando sua eleição como presidente da Aliança Francesa, demonstrando que a geopolítica do conhecimento funcionava também na outra direção (São Paulo, DEOPS, 1942).

Cuidis		SUPERINTENDENCIA DE SEGURANÇA POLITICA E SOCIAL	
Cabelos		Ficha n.º	Nome BASTIDE P. ARBOUSSE VIDE
Bigodes	M+M+R	Data 3-4-1944	Vulgo P. ARBOUSSE BASTIDE
Olhos			Prontuário Delegacia n.º
Estatura			Prontuário geral n.º
Marcas			Atividade
Filiação - Pai		Mãe	
Idade	Nascido em de de	Sexo	
Nacionalidade	FRANCES	Natural de	
Estado Civil	CASADO	Profissão	PROF. DA FAC. FILOSOFIA CIENCIAS E LETRAS.
Ordenado		Local de trabalho	
Residência	RUA VIEIRA DE MORAIS, 294-BRNOKIN-		
HISTÓRICO			
ANOTAÇÕES E ANTECEDENTES			
ANO			
1942	Foi eleito presidente da Aliança Francesa de São Paulo, para o ano de 1942-Vide ref às fls. 12 do ptº 9927-		

Figura 2 -Dossiê Paul Arbousse-Bastide

Fonte: Arquivo de Estado de São Paulo, arquivo DEOPS, pt. 9927/1942.

Monbeig, que não parece participar diretamente das polêmicas internas, mesmo sendo solidário a Braudel e a Lévi-Strauss (Suppo, 2002, p. 172), escreve, então, de maneira irônica, que os alunos poderiam queixar-se com o senhor Vargas dos eventuais incômodos. “Tenho medo que os acontecimentos políticos modifiquem ainda meus planos. É preciso esperar pacientemente: se o projeto não se realizar, os alunos decepcionados sempre poderão lamentar-se com o presidente Vargas.” (Paris, 15 de novembro de 1937).

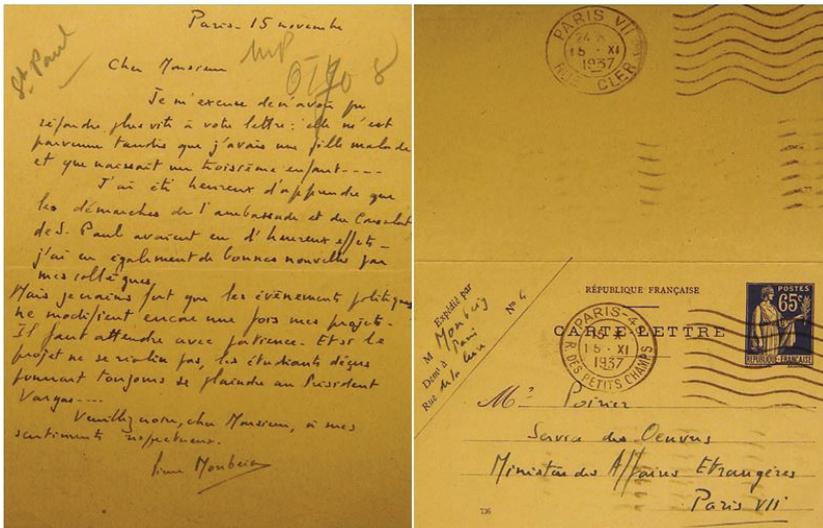


Figura 3 - Carta de P. Monbeig a J. Poirier, 15 Novembro 1937, fazendo ironia sobre Getúlio Vargas

Fonte: Paris, Archives diplomatiques, Dossiers des Postes, Dossier 443.

Quem assume uma posição explícita é Henri Hauser no Rio de Janeiro. No ano precedente, ele protestara contra a exclusão do antigo reitor Afrânio Peixoto (considerado demasiado progressista), denunciando

uma verdadeira vaga de obscurantismo. Os dois reitores que nossa jovem universidade progressivamente descartou foram substituídos por um homem polido mas incompetente, temeroso e receoso perante as autoridades (sobretudo perante o prefeito, verdadeiro chefe do distrito federal) e diante de uma opinião pública intimidada que

confunde toda manifestação de pensamento independente com o comunismo soviético. (Paris, agosto de 1936)

Hauser, como Deffontaines, considera muito importante a procura de uma abertura em direção à sociedade civil brasileira, mesmo se as condições, no Rio de Janeiro, pareçam mais difíceis que em São Paulo. Segundo o historiador, se os brasileiros “demonstram-se muito sensíveis às novidades que lhes trazemos como métodos e objetos de trabalho, tentou-se de tudo para afastar de nossas cadeiras o público culto. No tocante à inscrição em nossos cursos ditos públicos, barreiras custosas e complicadas foram erguidas para desencorajar mesmo as disposições mais fortes”. (Paris, 7 août 1936). Aliás, após a vitória da esquerda nas eleições francesas, certa desconfiança em relação aos professores estrangeiros começa a afetar os liberais paulistas que outrora simpatizavam com eles. O jornal *O Estado de São Paulo* acusa então a França de “fornecer ao mundo exemplos de anarquia mental” (Suppo, 2002, p. 174). Também o corpo diplomático e científico francês está igualmente dividido em termos políticos. A “Intentona comunista” de 1935, uma rebelião militar de proporções relativamente restritas, é objeto de comentários paranóicos do embaixador francês Hermite que, em documento intitulado “Insurreição comunista”, parece ver por todo lado rebeldes sanguinários dispostos a massacrar gente honesta e suas famílias.

Essas pessoas se preocupam com lugares de refúgio onde poderiam abrigar suas mulheres e suas crianças em caso de novo alerta. Outras preocupações afetam os partidários da ordem: qual será o estado de espírito do exército e do corpo docente do qual depende a juventude [?] Entre os oficiais reina um constante mal-estar. Ninguém sabe com quem se pode conversar, no temor de viver ao lado de claudesinos insurgentes — sobretudo entre os sargentos e os soldados, onde a proporção de elementos comunistas atingiria uma média de um sétimo. Em muitas casernas os quartos ficam iluminados durante toda a noite, com medo de uma retomada das agressões criminais demasiado fáceis de ocorrer na sombra da noite [...] Os generais que apoiaram unanimemente o governo demandam ao presidente Vargas uma punição exemplar para os culpados. (Paris, 7 de dezembro de 1935)

Conforme nossas fontes, o corpo docente preocupou-se menos com esses acontecimentos que com aqueles de 10 de novembro de 1937. Cabe ainda destacar que recentemente o geógrafo brasileiro José Borzacchiello

da Silva perguntou-se o quanto existia de preconceitos coloniais (incluindo a influência da geografia colonial e da geografia tropical) nas abordagens dos geógrafos franceses sobre o Brasil (Silva, 2012). Se tais problemas só poderão ser esclarecidos por pesquisas específicas, podemos citar um testemunho de Arbousse-Bastide revelando que “aqui os franceses são reprovados por se expatriarem com dificuldade e por não simpatizarem com os problemas do estrangeiro e da América Latina em particular. Teme-se que os franceses venham somente como turistas, como curiosos” (Suppo, 2002, p. 167). Ademais, o grupo da USP ministra todas as aulas e palestras em francês, pois só Hourcade fala português (Ibid., p. 168). É significativa uma nota escrita pelo economista René Courtin a Dumas e a Marx sobre os salários dos professores, demandando por que um *agrégé*, na missão, tem “o mesmo salário que os colegas que ensinam na França e não o tratamento de um *agrégé* colonial.” (Paris, 5 de setembro de 1937). O próprio fato de existir o problema demonstra que o olhar francês sobre o Brasil, naquela época, não se afasta muito dos preconceitos eurocêntricos em relação a países que eles consideram atrasados e que são vistos como territórios de conquista — se não política, ao menos intelectual.

De toda maneira, o que impressiona das missões universitárias francesas no Brasil é a qualidade do pessoal das ciências humanas que participou desde os anos 30. Braudel e Lévi-Strauss foram substituídos em 1938 por Roger Bastide e Jean Gagé e, na sequência, outro antropólogo francês, Pierre Clastres, trabalhará no Brasil. Na geografia, após Deffontaines e Monbeig, passam por universidades brasileiras, nas décadas seguintes, Maurice Le Lannou, Roger Dion, Pierre Gourou, Michel Rochefort, Jean Tricart, Bernard Kayser, Jean Demangeot, Paul Claval, Hervé Théry e muitos outros.

Para muitos deles, incluindo Braudel (Paris, 1999; Gemelli, 1995; Ribeiro, 2008), o período brasileiro foi muito importante na formação de suas idéias científicas. Podemos afirmar que o Brasil foi um lugar central para o desenvolvimento das ciências humanas na França. Ainda é preciso avaliar bem a influência desses grupos de professores, de diferentes disciplinas, no estabelecimento dos rumos interdisciplinares na França — representados por instituições como o IHEAL e a EHESS (Angotti Salgueiro, 2006).

Para fornecer só um exemplo das potencialidades desse estudo sistemático de “arqueologia do conhecimento”, reproduzimos uma nota manuscrita de Pierre Monbeig, de 1950, conservada nos arquivos do IEB.

Trata-se do projeto de uma obra interdisciplinar sobre as mentalidades, na qual deveria participar também Lucien Febvre, claramente influenciada pelos rumos dos historiadores *Annalistes*.

Geografia e mentalidades.

- 1) Noção de mentalidade. A palavra será dada a um antropólogo, a um etnógrafo, a um historiador.
- 2) O papel dos fatos de mentalidade na elaboração das paisagens. Paisagem rural e mentalidades: Dion. Paisagem urbana e mentalidades: Aufrère.
- 3) O papel dos fatos de mentalidade no comportamento dos grupos sociais. Demogeografia e mentalidades: Ariés. Geografia religiosa: Le Braz.
- 4) Geografia das mentalidades. Geografia do comportamento psicológico: Abel Châtelain. O problema das psicologias nacionais. A. Siegfried. Conclusão: L. Febvre.(São Paulo-IEB, 1950)

Não conhecemos as razões pelas quais uma obra tão importante não tenha sido realizada, mas aprofundar as investigações sobre essas redes interdisciplinares é, indubitavelmente, um desafio estimulante e que fornecerá respostas inesperadas sobre a circulação dos saberes e a fábrica do conhecimento.

### Deffontaines e o ensino da geografia

Pierre Deffontaines, autor da tese *Leshommes et leurs travaux dans les pays de la Moyenne Garonne, Agenais et bas Quercy*, orientada por Albert Demangeon, tem um percurso considerado atípico no âmbito da escola pós-vidaliana. Primeiro, por sua mobilidade e cosmopolitismo. Professor nas Universidades de Lille e Montpellier, Pierre Deffontaines não fica muito tempo parado nestas instituições. Para Philippe Pinchemel, “de 1944 a 1967, o essencial das atividades de Deffontaines acontece no exterior. Na Espanha, como diretor do instituto francês de Barcelona desde 1939 até 1964. No Brasil, onde funda as cadeiras de geografia de São Paulo (1934) e Rio de Janeiro (1936). No Canadá, onde funda o Instituto de Geografia da Universidade Laval do Québec” (Pinchemel, 2011, p. 263).

O que nos parece bastante original é que as estadias de Deffontaines no exterior não se restringem, como ocorre com outros acadêmicos

européus, a breves pesquisas *outramer* financiadas pela metrópole e publicadas em seu idioma. Deffontaines é um organizador cultural empático que cria instituições locais com as pessoas que ele encontra no lugar. Pierre Deffontaines não é um simples observador exterior, mas um ator que tenta interagir com a dinâmica da sociedade local.

Outra característica da obra de Pierre Deffontaines é a abordagem social e, sob alguns aspectos, cultural, interessado no trabalho das sociedades sobre a terra para sua transformação. Isso parece ser inspirado por sua adesão ao catolicismo social, que contribui a afastá-lo do paradigma realista do “*plain-pieddu monde* (direito no mundo)” pós-vidaliano (Orain, 2009), então dominante e hostil às tendências reflexivas e à geografia social representadas, sobretudo, por Camille Vallaux e Jean Brunhes. Como observa Delfosse (2000), é neste último que Deffontaines inspira-se. Segundo Pinchemel, Deffontaines

ocupa um lugar específico na geografia francesa por sua estreita associação com a obra e com o alcance de Jean Brunhes. Ele desenvolve um pensamento geográfico visivelmente à margem da escola francesa universitária evidaliana, mas um pensamento e uma obra que marcaram profundamente inúmeros leitores e que exerceu grande influência no estrangeiro [...] Deffontaines pertence à família dos intelectuais espiritualistas que encontram em seus trabalhos, na observação da realidade e da materialidade quotidiana as razões de sua fé e de suas convicções. Ele convida o leitor a compartilhar seu entusiasmo, a admirar a superfície da Terra na diversidade de suas paisagens e, sobretudo, das paisagens humanizadas, isto é, das que testemunham a inteligência, o pensamento humano. Os homens têm a responsabilidade da “direção geográfica da terra”, tarefa que exige “constante elevação da sabedoria humana” [...] Ele foi, no melhor sentido do termo, um geógrafo humanista *avant la lettre*, precursor das tendências humanistas atuais, com um talento literário e uma sedução nem sempre encontrada nos textos contemporâneos (Pinchemel, 2011, p. 263).

Assim, Deffontaines estaria mais próximo a conceitos como “geograficidade” intrínseca ao ser humano abordada por Eric Dardel (1953) que ao realismo geográfico. Como observa Antoine Huerta, Deffontaines insere-se na construção de um imaginário nacional na qual ele participa do processo de construção da identidade brasileira, com instrumentos próprios à geografia cultural, onde “podem-se ver as premissas das etnogeografias desenvolvidas após o *cultural turn*” (Huerta, 2011).

Diversamente de Huerta, não acreditamos que Deffontaines faça uma “geografia cultural antes da hora” (Ibid.), porque não se pode ignorar a contribuição de Carl Sauer e da Escola de Berkeley, já conhecidas na época das missões francesas (Mitchell, 2000). O que não se pode negar, porém, é a originalidade de Deffontaines em relação à geografia francesa de então.

Na menção de Philippe Pinchemel à “sedução do leitor” encontramos um ponto central de seu método: nomeadamente, a importância que o geógrafo atribui ao ensino da geografia, que ele considera um verdadeiro proselitismo. No caso brasileiro, esse empenho pedagógico evidencia-se ao mesmo tempo em seus escritos, seus arquivos institucionais e nos testemunhos de seus antigos alunos.

As publicações de Deffontaines que visam a aplicar, no Brasil, a metodologia regional da geografia humana francesa, são traduzidas para o português e circulam também fora dos meios universitários (Deffontaines, 1940; Delfosse, 2000). Podemos considerá-lo como um tradutor cultural que se interessa diretamente pela sociedade civil brasileira para convencê-la da utilidade da geografia nos negócios práticos e na construção cultural. Se Deffontaines reivindica explicitamente seu estranhamento em relação à política, sua abordagem é social e, em sentido amplo, cidadã. Entre seus alunos, Caio Prado Jr. testemunha o carisma e a força de convicção característica do geógrafo francês. Embora os dois trabalhassem juntos apenas em um único semestre, em uma entrevista de 1978, citada por Manoel Seabra, Prado Jr., já idoso, recorda-se de Deffontaines como o único que lhe fez amar a geografia e torná-la essencial à sua formação.

A geografia foi o que me abriu a perspectiva e foi com o Deffontaines— o maior professor que eu conheci na minha vida. Olha que eu conheci muitos professores na minha vida, mas nenhum assim: Deffontaines, de longe, batia todo mundo. Não que ele tivesse assim uma erudição, ele não tinha. Mas é porque era um homem que vivia o assunto. Para todos os que o assistiam, seus cursos eram um divertimento, era prazeroso. Em primeiro lugar, pelo seu entusiasmo. Ele tinha um amor (pela geografia) e tem até hoje: está vivo, doente, mas continua trabalhando. Grande professor, não? Professor não é aquele que conhece muitas coisas [...] Ensinar tem toda uma comunicação (Heidemann et al. 2008, p. 48).

A comunicação parece ser uma preocupação central para Deffontaines que, como demonstra sua bibliografia, escreve amiúde em meios mais populares que acadêmicos, a exemplo dos guias de viagens e

publicações didáticas — sem, com isso, renunciar a exprimir suas idéias sobre geografia humana. Como comprovam seus relatórios sobre seu ensino na USP e no Rio de Janeiro, preservados nos arquivos diplomáticos (Paris, 15 novembre 1934), seus objetivos eram formar futuros professores brasileiros e, posteriormente, estimular as explorações e o conhecimento do interior. Isso implica em uma prática de trabalho do campo segundo as técnicas então estabelecidas na França (Baudelle et al., 2001). Deffontaines, como vários colegas (entre os quais Monbeig [Angotti Salgueiro, 2006; Théry, 2008]), utiliza cadernos de campo, onde registra as excursões com notas e desenhos (Huerta, 2009). As conferências públicas, que sempre se dão com as “salas lotadas,” a forte presença de ouvintes nos cursos (Suppo 2002, p. 288) e seu empenho na construção de uma biblioteca de geografia demonstram uma abordagem pedagógica voluntarista muito além do âmbito acadêmico, no qual a geografia é um instrumento para operar sobre a cultura e a sociedade.

#### AGB e política: tecendo redes

Um importante efeito colateral da missão universitária francesa na USP foi a constituição, em 17 de setembro de 1934, na casa de Deffontaines, da Associação dos Geógrafos Brasileiros. A AGB, que hoje faz congressos com até sete mil inscritos (Zibechi, 2012), foi fundada por quatro membros: Deffontaines, Caio Prado Júnior, Rubens Borba de Moraes e Luiz Flores de Moraes Rego. Deffontaines é o único geógrafo “profissional”. É claro que a AGB está estreitamente vinculada à cadeira de geografia da USP, e que essa associação se propõe a ser uma espécie de extensão para penetrar na sociedade brasileira. Para Deffontaines, a universidade não é suficiente: ele quer falar para toda a sociedade.

Cabe destacar que o colaborador e assistente principal de Deffontaines, tanto na faculdade quanto na AGB, é Caio Prado Jr. De família abastada e membro do Partido Comunista desde 1932, Caio Prado Jr. já viajara muito e era autor de obras sobre o Brasil e a União Soviética. Neste contexto, Manoel Seabra pergunta-se como explicar seu interesse pela geografia e acaba por concluir que o elemento decisivo dessa escolha, além do carisma de Deffontaines, foi que, “diferentemente dos cursos de história disponíveis, nas disciplinas e nas atividades geográficas havia maiores possibilidades de lidar com a realidade atual” (Heidemann et al., 2008, p. 49).

Eis a geografia como disciplina estratégica. Mas, também, acreditamos, há que se considerar o interesse pelas redes internacionais que começam a estabelecer-se na universidade e, talvez, as possibilidades de propaganda política abertas pelo meio universitário. Se consideramos todos esses fatores, compreendemos mesmo porque a AGB é frequentada também por pessoas com motivações parecidas, mas de marca política oposta, como o major Mário Travassos, que faz uma comunicação em 17 junho de 1935 e que será depois, com o grau de general, um representante da geopolítica militar brasileira bastante compromissado com as ditaduras (Vlach, 2003). A destacar também o caráter pretensamente “neutro” dessas associações, tornando-as lugares de encontro de pessoas muito diferentes.

A AGB e a sua revista, *Geografia*, recebem a colaboração constante de professores franceses, incluindo Arbousse-Bastide e Lévi-Strauss. Após a partida de Deffontaines, é Caio Prado Jr. que assume por algum tempo a função de secretário e de pessoa imprescindível da associação. A correspondência entre eles, conservada em parte nos arquivos do IEB, é uma das fontes principais para conhecer o funcionamento da AGB em seus primeiros anos. Na primeira carta que Deffontaines envia a Caio Prado Jr. (na perspectiva de voltar a São Paulo em 1936), o geógrafo francês cita um dos pontos principais de seu programa: “começar o belo trabalho, já muito avançado na França, dos grandes estudos regionais, como minha tese.” (AGB, 10 de dezembro de 1934). O projeto de Deffontaines é claro: o que ele espera desses jovens brilhantes é que eles comecem um vasto programa de “cobertura” do Brasil por meio das monografias regionais. Se, de um lado, trata-se de uma tentativa de transposição, muito problemática, do modelo clássico da monografia regional francesa, do outro lado o exemplo não parece casual. Deffontaines refere-se à sua própria tese, então um produto relativamente original por seu interesse pelas realidades sociais. A seu turno, Prado Jr. se interessa pela regionalização do estado de São Paulo sob o ângulo de seus distritos econômicos, o que parece também uma abordagem original se comparada à geografia francesa daquela época. Deffontaines pretende participar desse trabalho de maneira um pouco mais clássica.

Toca-me muito ver o modo ativo como você assumiu, com paixão, a nossa iniciativa. Obrigado a todos, e a você especialmente. No navio, trabalhei seriamente no *Brasil*. Acabei o estudo do qual havia lhe falado, intitulado *Ensaio de Divisões Regionais do estado de São Paulo, Regiões e Paisagens*. (AGB, 27 de dezembro de 1934)

O *Brasil* é, evidentemente, o ensaio *Geografia Humana do Brasil* (Deffontaines, 1940), enquanto o artigo sobre “Regiões e Paisagens” será publicado ao mesmo tempo em *Geografia* e nos *Annales de Géographie* (Delfosse, 2000). Deffontaines aprova a decisão de Caio Prado Jr. de envolver na AGB o explorador Jean Vellard, que ele aprecia por seus estudos das regiões de Goiás e do Mato Grosso úteis para o programa de pesquisa regional. Na mesma carta, Deffontaines demonstra que sete meses no Brasil foram bastante para entrar em empatia com a língua e a cultura, já que ele escreve, em português, palavras como “saudades”. (AGB, 1 de março de 1935). Na carta seguinte, Deffontaines pergunta a seu correspondente qual foi a recepção no Brasil de seu artigo sobre regiões e paisagens. Demonstrando não partilhar o olhar arrogante do imperialismo, o de Deffontaines é o olhar do humanista que deseja, primeiro, aprender. “Gostaria de saber as repercussões de meu estudo, principalmente no ensino regional dos cursos secundários. Faça-me conhecer as críticas.”(AGB, 2 de outubro de 1935). Paralelamente, Deffontaines afirma não aceitar uma mudança para o Rio de Janeiro em 1936, desejando voltar à USP: “Não aceitarei voltar ao Brasil a não ser com a condição expressa de não abandonar meu trabalho em São Paulo. Acho que há muitas possibilidades de estar com vocês no próximo ano e regozijo-me profundamente.”(AGB, 2 de outubro de 1935).

A carta talvez mais densa é a de 1º de janeiro de 1936, quando Deffontaines sabe pelos jornais que Caio Prado está preso por razão da repressão que se seguiu à Intentona.

Estou muito inquieto sobre o futuro de sua atividade científica. Você sabe que fui um pouco eu quem lhe descobriu e tenho por você consideração especial. Temo que a sua atividade política venha a obstruir seu trabalho científico. Sempre considere a política, qualquer que ela seja, um grande elemento de decadência. Assim, estou muito alarmado a seu respeito! Tranquilize-me! (AGB, 1 de março de 1935)

Ter de reservar-se e a preocupação em manter distância do rumo político assumido por seu aluno misturam-se à afeição e à estima por Caio Prado Jr. Nesta longa carta, que leva o carimbo da censura brasileira, Deffontaines afirma ainda resistir a uma mudança para Rio de Janeiro. Acreditamos que ele aceita também porque ele sabe que em São Paulo, face à repressão e sem seu melhor discípulo, seria ainda mais difícil recomeçar.

Cabe destacar que o apolitismo de Deffontaines é muito relativo. Sua reprovação à militância de Prado Jr. e sua aceitação, em 1939, ao cargo de diretor do Instituto Francês de Barcelona enquanto a Espanha acabava de ruir sob a tirania franquista e a capital catalã via esvaziar sua população que fugia até a França (Paz, 1993), sugeririam sua indiferença ou, pior, sua complacência por essas repressões. No entanto, segundo Delfosse, manifesta-se então seu veio antifascista e quase militante, quando, em 1942, Deffontaines

recusa a adesão ao governo de Vichy. Com toda sua equipe de professores do Instituto Francês de Barcelona, ele é caçado pela polícia espanhola sob as ordens do cônsul-geral de Vichy. Ele organiza então, com a ajuda dos catalães, um novo instituto francês aliado ao governo de Alger. Tal instituto vive clandestinamente durante um ano e meio sob o nome de ANEIE (Associação Nacional dos Estudantes de Línguas Estrangeiras), não podendo mais chamar-se Instituto Francês. Laços são tecidos com os intelectuais catalães: se eles ajudam Deffontaines a enganar o governo de Vichy apoiado por Franco, ele auxilia os catalães oprimidos pelo regime fascista. O Instituto Francês de Barcelona tornou-se uma ilha de liberdade de expressão. Os livros franceses lá existentes colaboravam para desviar a censura franquista (Delfosse, 1998, p. 152).

Deffontaines, desde 1936 até 1938, continua seguindo a AGB. Suas atividades de “diplomacia cultural” na Argentina e no Chile relatadas em seu memorial confirmam ulteriormente o relativismo de seu pretendido “apolitismo”. Caio Prado Jr., finalmente, será um dos protagonistas da história do Brasil no século XX. Deputado comunista desde 1945 e intérprete original do marxismo, ainda perseguido pela ditadura de 1964, publicará até os anos 80, obras de história, sociologia, economia e geografia, tais como *Formação do Brasil contemporâneo*, que fazem dele um dos intelectuais brasileiros mais célebres (Secco, 2008). Acreditamos que sua formação como geógrafo não foi casual em seu percurso.

## Conclusão

No dizer de historiadores da geografia como David Livingstone, localizar a ciência é fundamental para sua compreensão (Livingstone, 2013). Podemos então pensar que as universidades de São Paulo e do Rio de Janeiro foram, simultaneamente, lugares de construção da geografia

universitária brasileira e lugares importantes para o desenvolvimento da geografia francesa. Lugares (instituições) menos periféricos em relação a Paris do que se pode pensar, apesar da distância quilométrica. Se o primeiro fim diplomático das missões universitárias foi o de afastar o Brasil da influência cultural do eixo Roma-Berlim, pode-se dizer que essa operação teve sucesso e que a geografia jogou papel central, formando protagonistas da história do Brasil como Caio Prado Jr. e intelectuais importantes como Aroldo de Azevedo e Aziz Ab'Saber.

Acreditamos ter demonstrado a centralidade do papel de Deffontaines nas trocas culturais franco-brasileiras, seja por suas pesquisas, suas redes internacionais e seu ensino, mesmo se seu trabalho no Brasil tenha sido um pouco “ofuscado” pela notoriedade de Pierre Monbeig. Cabe destacar que, se Monbeig fala do “interesse de continuar a propaganda francesa no Brasil” (Paris, 2 de fevereiro de 1938), Deffontaines fala em “criar na opinião pública um movimento favorável à geografia”(Paris, 15 de novembro de 1934) — o que não é a mesma coisa. Encontramos aqui a mesma diferença existente entre uma geografia institucional e uma geografia crítica. Se nas missões universitárias francesas no Brasil esses aspectos coexistem, de toda maneira continua sendo importante aprofundar as pesquisas sobre a circulação dos saberes entre França e Brasil e, mais geralmente, entre Europa e América Latina para esclarecer a reciprocidade das influências.

## Notas

<sup>1</sup> Um apêndice documentário reproduz duas relações inéditas de Deffontaines sobre seus trabalhos em São Paulo e no Rio, que transcrevemos nos arquivos diplomáticos franceses e que publicamos pela primeira vez em tradução portuguesa.

## Referências

ANGOTTI SALGUEIRO, H. Biobibliografia cronológica de Pierre Monbeig: (Período: 1929-1985). *Cybergeo*, Paris: 2002. Disponível em: <<http://cybergeo.revues.org/3501>>. Acesso em: 29 set. 2015.

\_\_\_\_\_. *Pierre Monbeig e a geografia humana brasileira, a dinâmica da transformação*. São Paulo: Edusc, 2006.

BATAILLON, C. *Un géographe français en Amérique latine: quarante ans de souvenirs et de réflexions*. Paris: IHEAL, 2008.

BAUDELLE, G., OZOUF-MARIGNIER, M. V., ROBIC, M. C. (Org.) *Géographes en pratiques (1870-1945), le terrain, le livre, la cité*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2001.

CARDOSO, L. C. *O lugar da geografia brasileira: a sociedade de geografia do Rio de Janeiro entre 1883 e 1945*. São Paulo: Annablume, 2013.

CLAVAL, P. Un géographe méconnu: Pierre Denis. *Géographie et cultures*, Paris, n. 84, 2012. Disponível em: <<http://gc.revues.org/2501>>. Acesso em: 29 set. 2015.

CUSTÓDIO, V.; GALVANI E.; LEMOS, A. I. G. (Org.). *Geografia, tradições e perspectivas*. Buenos Aires: CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, 2009.

DARDEL, E. *L'Homme et la terre, nature de la réalité géographique*. Paris: Presses universitaires de France, 1952.

DEFFONTAINES, P. *Geografia humana do Brasil*. Rio de Janeiro, 1940.

DELFOSSE, C. Biographie et bibliographie de Pierre Deffontaines (1894-1978). *Cybergeog*, Paris, 2000. Disponível em: <<http://cybergeog.revues.org/1796>>. Acesso em: 29 set. 2015.

\_\_\_\_\_. Le rôle des institutions culturelles et des missions à l'étranger dans la circulation des idées géographiques. L'exemple de la carrière de Pierre Deffontaines (1894-1978). *Finisterra*, Lisboa, v. 33, n. 65, p. 147-158, 1998.

DENIS, P. *Le Brésil au 20<sup>e</sup> siècle*. Paris: Colin, 1909.

DROULERS, M. La cible de la formation de Pierre Monbeig. *Confins*, São Paulo/Paris, n. 4, 2008. Disponível em: <<http://confins.revues.org/5023>>. Acesso em: 29 set. 2015.

DROULERS, M; THÉRY, H. (Org.). *Pierre Monbeig: un géographe pionnier*. Paris: IHEAL, 1991.

ESPAGNE, Michel. *Les transferts culturels franco-allemands*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

FERRETTI, F. Ici commence le Brésil! Géohistoire d'une frontière compliquée. *Echogéo*, Paris, n. 27, 2014. Disponível em: <<http://echogeo.revues.org/13763>>. Acesso em: 29 set. 2015.

\_\_\_\_\_. Le fonds Reclus-Perron et le contesté franco-brésilien de 1900: une carte inédite qui a décidé des frontières du Brésil. *Terra Brasilis*, Rio de Janeiro, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://terrabrasilis.revues.org/766>>. Acesso em: 29 set. 2015.

FERRETTI, Federico « Pierre Deffontaines et les missions universitaires françaises au Brésil : enjeux politiques et pédagogiques d'une société savante outremer (1934-1938) », *Cybergeog : European Journal of Geography* [En ligne], Epistémologie, Histoire de la Géographie, Didactique, n° 703, mis en ligne le 24 décembre 2014. URL : <http://cybergeog.revues.org/26645> ; DOI : 10.4000/cybergeog.26645.

- GEMELLI, G. *Fernand Braudel*. Paris: Jacob, 1995.
- HAESBAERT, R., NUNES PEREIRA S., RIBEIRO, G. *Vidal, Vidais. Textos de geografia humana, regional e política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- HÉBRARD, V. (Org.). *Sur les traces d'un mexicaniste français : constitution et analyse du fonds François Chevalier*. Paris : Karthala, 2005.
- HEIDEMANN, H. D., SEABRA, M.; IUMATTI, P. (Org.) *Caio Prado Jr. E a Associação dos Geógrafos brasileiros*. São Paulo: Edusp, 2008.
- \_\_\_\_\_. La mise en place du dispositif français d'information scientifique et technique sur l'Amérique latine. *Cahiers des Amériques latines*, Paris, n. 20, p. 133-188, 1995.
- HUERTA, A. Une ascension, une œuvre: la baie de Rio de Janeiro vue du Corcovado par Pierre Deffontaines. *Confins*, São Paulo/Paris, n. 5, 2009. Disponível em: <<http://confins.revues.org/5645>>. Acesso em: 29 set. 2015.
- LEFÈVRE, J. P. Les missions universitaires françaises au Brésil dans les années 1930. *Vingtième Siècle, Revue d'histoire*, Paris, n. 38, p. 24-33, 1993.
- LEVASSEUR, É. *Le Brésil*. Paris: Lahure, 1889.
- LIVINGSTONE, D. *Putting science in its place*. Chicago: The University of Chicago Press, 2013.
- MITCHELL, D. *Cultural Geography*. Oxford: Blackwell, 2000.
- MIYAHIRO, M. A. *O Brasil de Elisée Reclus: território e sociedade em fins do século XIX*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - São Paulo, Universidade de São Paulo, 2011.
- ORAIN, O. *De plain-pied dans le monde: écriture et réalisme dans la géographie française au XXe siècle*. Paris : L'Harmattan. 2009
- OULMONT, P. *Pierre Denis: français libre et citoyen du monde*. Paris: Éditions Nouveau Monde, 2012.
- PARIS, E. *La genèse intellectuelle de l'œuvre de Fernand Braudel*. Athènes: IRN, 1999.
- PAZ, A. *Entre laniebla (1939-1942)*. Barcelona: EA, 1993.
- PETITJEAN, P. As missões universitárias francesas na criação da Universidade de São Paulo (1934-1940). In: HAMBURGUER, A. I. (Org.). *Ciência nas Relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996.
- PINCHEMEL, P. Pierre Deffontaines (1894-1978). In. : ROBIC, M. C., TISSIER J. L., PINCHEMEL, P. (Org.). *Deux siècles de géographie française: une anthologie*. Paris: Éditions du CTHS, 2011.
- RECLUS, E. *Estados Unidos do Brazil, geographia, ethnographia, statistica*. Rio de Janeiro/Paris: Garnier, 1900.
- RIBEIRO, G. *Espaço, Tempo e Epistemologia no Século XX: a Geografia na obra de Fernand Braudel*. Tese (Doutorado em Geografia) - Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2008.

SECCO, L. *Caio Prado Júnior: o sentido da revolução*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

SILVA, J. B. *França e a Escola Brasileira de Geografia: verso e reverso*. Fortaleza: UFC, 2010.

SUPPO, H. R. *La politique culturelle française au Brésil entre les années 1920-1950*. Thèse (Doctorat) - Université Paris III/Sorbonne Nouvelle, Paris, 2002.

THÉRY, H. Claude Lévi-Strauss, Pierre Monbeig et Roger Brunet. *EchoGéo*, No.7, 2008. Disponível em: <<http://echogeo.revues.org/9503>>. Acesso em: 29 set. 2015

VELUT, S. Pierre Denis e a geografia da América do Sul. In CUSTÓDIO V., GALVANI E., GERAIGES DE LEMOS A. I. (Org.). *Geografia, tradições e perspectivas, v. 1 - A presença de Pierre Monbeig*. Buenos Aires: CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, p. 193-212, 2009.

VLACH, V. R. F. Estudo preliminar acerca dos geopolíticos militares brasileiros. *Terra Brasilis*, Rio de Janeiro, n. 4 – 5, 2003. Disponível em: <<http://terrabrasilis.revues.org/359>>. Acesso em: 29 set. 2015.

WERNER, M.; ZIMMERMANN, B. *De la comparaison à l'histoire croisée*. Paris: Seuil, 2004.

ZIBECCHI, R. El movimiento de los geógrafos brasileños. La Jornada, México, 27 Jul. 2012. Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/2012/07/27/opinion/022a1pol#texto>>. Acesso em: 29 set. 2015.

### Fontes documentais

AGB – Associação dos Geógrafos Brasileiros. Acervo Caio Prado Júnior, CPJ, carta de P. Deffontaines a C. Prado, 10 Dezembro de 1934.

AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros. CPJ – AGB012. *Carta de P. Deffontaines a C. Prado*, 27 Dezembro 1934.

AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros. CPJ – AGB015. *Carta de P. Deffontaines a C. Prado*, 1 Março 1935.

AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros. CPJ – AGB017. *Carta de P. Deffontaines a C. Prado*, 2 Outubro 1935.

AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros. AGB019. *Carta de P. Deffontaines a C. Prado*, 1 Janeiro 1936.

PARIS. Courneuve. Archives diplomatiques. Dossiers des postes. Dossier 444. *Rapport du professeur Deffontaines sur son enseignement à l'Université de Rio de Janeiro*, 15 novembre 1934.

PARIS. Courneuve. Archives diplomatiques. Dossier 443. *Lettre de P. Deffontaines à J. Marx*, 15 novembre 1934.

PARIS - Courneuve – Archives diplomatiques, Dossiers des Postes, Dossier 443. *Document « Cas Deffontaines », dans le rapport tapuscrit de P. Arbousse-Bastide*, 1935.

PARIS. Archives diplomatiques. Dossier 443. *Notes sur la Mission universitaire française à São Paulo*, Fév. 35- Juillet 1935.

PARIS - Courneuve – Archives diplomatiques. Dossier 444. *Lettre de M. Hermite à P. Laval*, 7 décembre 1935.

PARIS. Archives diplomatiques. Dossier 443. *Lettre de P. Arbousse-Bastide à Jean Marx*, 6 juin 1936.

PARIS. Archives diplomatiques. Dossier 443, lettre de H. Hauser à « Monsieur le Recteur », 7 août 1936.

PARIS. Archives diplomatiques, Dossier 443. *Lettre de R. Courtin à J. Marx*, 5 septembre 1937.

PARIS - Courneuve – Archives diplomatiques. Dossiers des Postes, Dossier 444. *Lettre de P. Monbeig à J. Poirier*, 15 Novembre 1937.

PARIS. Dossier 443. *Carta de P. Monbeig a J. Marx*, 2 Fevereiro 1938.

RIO DE JANEIRO. Biblioteca Nacional. Acervo dos Manuscritos, I-09,18,052. *Lettre d'E. Levasseur à B. F. Ramiz Galvão*, 30 décembre 1873.

SÃO PAULO. Arquivo de Estado de São Paulo. *Arquivo DEOPS*, 9927, 1942.

SÃO PAULO. IEB - Instituto de Estudos Brasileiros. *Acervo Pierre Monbeig*. Caixa 06 (Sala 1) 6,2, manuscrito francês *Géographie et mentalités*, 1950.

### *Apêndice documentário:*

[https://www.academia.edu/9851988/Pierre\\_DeFontaines\\_et\\_les\\_missions\\_universitaires\\_fran%3%A7aises\\_au\\_Br%3%A9sil\\_enjeux\\_politiques\\_et\\_p%3%A9dagogiques\\_d\\_une\\_soci%3%A9t%3%A9\\_savante\\_outremer\\_1934-1938\\_Cybergeo\\_European\\_journal\\_of\\_Geography\\_2014](https://www.academia.edu/9851988/Pierre_DeFontaines_et_les_missions_universitaires_fran%3%A7aises_au_Br%3%A9sil_enjeux_politiques_et_p%3%A9dagogiques_d_une_soci%3%A9t%3%A9_savante_outremer_1934-1938_Cybergeo_European_journal_of_Geography_2014).

---

Federico Ferreti - Possui doutorado em Geografia pelas Universidades de Bolonha e Paris 1 Panthéon-Sorbonne. Tem atuação profissional de ensino e de pesquisa na Itália, na Suíça, na França e no Brasil. Atualmente é professor de Geografia na University College of Dublin (Irlanda), onde se ocupa de história do pensamento geográfico e de geografias do Sud Global com enfoque sobre Brasil e América latina.

---

Recebido para publicação em 15 de setembro de 2015

Aceito para publicação em 17 de outubro de 2015